

Espelhos Negros

Tudo começou quando vovô morreu. Não somos uma família de origem judaica; na verdade, jamais seguimos com afinco nenhuma prática religiosa. Jantamos juntos e trocamos presentes no Natal, almoçamos na Páscoa e distribuimos ovos de chocolate para as crianças, nada mais do que isso. Até hoje não sei o motivo e de quem foi a decisão de cobrir todos os espelhos da casa, com panos pretos, por duas semanas, depois do enterro. Eu tinha quatorze anos, a testa coberta por espinhas e alguns quilos a mais do que era desejável, o que me colocava imediatamente como membro da legião dos invisíveis em uma reunião com mais de cinco adolescentes. Situação que não me desagradava nem um pouco; era uma desculpa para dar vazão à timidez que me impedia de falar em público ou com qualquer desconhecido sem ruborizar.

Os espelhos cobertos criaram na minha vida uma situação, no mínimo, esdrúxula. Não me olhava mais. Vestia as roupas e não me preocupava se estavam justas ou se marcavam as saliências do corpo. Não via se as espinhas tinham se inflamado ou estavam momentaneamente secas. Deixar de enfrentar a própria imagem abria uma inesgotável produção de possibilidades: a de ser de qualquer jeito ou qualquer coisa que quisesse. Comecei a me imaginar alta, magra, com a pele lisa; passei a encarar alguns garotos, dar minha opinião nas conversas. A invisibilidade da própria imagem me tornava visível aos outros. Mesmo não tendo plena consciência, intui que as relações entre a imagem e a realidade, a verdade e a ilusão eram complexas. Os espelhos foram descobertos, mas fiquei seis meses sem encará-los. Tinha me acostumado com o retrato infiel de mim mesma.

Você pode se perguntar por que decidi escrever sobre esse assunto quase trinta anos depois. Talvez por que um dia ao me olhar no espelho vi uma mancha do lado esquerdo do rosto. Um pequeno ponto mais escurecido sobre a pele branca. Nunca tinha reparado nela. Não está escondida pelas mechas do cabelo, nem está em um ponto cego, que eu não tivesse conseguido enxergar sem virar o pescoço. Fiquei obcecada. Comecei a procurar fotos tiradas num ângulo em que a tornasse visível. Não foi difícil encontrar a pequena sombra mais escura. Pelas fotos, estava ali há mais de cinco anos. Passei meses pensando sobre essas coisas que às vezes não vemos por estarem demasiadamente à vista. A cômoda identidade tão conhecida talvez só apareça, de fato, desconstruindo as imagens que nos constituem. Aí conseguimos ver o que não se vê e deixar de ver o que sempre se vê.

LINA